

# O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980

Women's football in the  
1940s to 1980s

## **LEDA MARIA DA COSTA**

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realiza estágio pós-doutoral na mesma universidade na área de Comunicação e é professora do Centro Universitário Carioca (UniCarioca)

**ledamonte@hotmail.com**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo fazer um breve percurso pela história do futebol feminino no Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1980, tendo como fonte alguns jornais importantes dessa época. Será dada atenção especial aos periódicos *Jornal do Brasil*, *O Globo* e, sobretudo, o *Jornal dos Sports*. Este último destaca-se não somente por ser um veículo especializado em esporte, mas também por promover eventos esportivos. Busca-se, nesses jornais impressos, notícias e representações a respeito da prática de futebol por mulheres, no Rio de Janeiro, abarcando um período no qual essa modalidade foi proibida no Brasil. Pretende-se demonstrar que mesmo de modo ilegal, muitas mulheres jogaram bola, sobretudo, nas areias das praias de Copacabana no Rio de Janeiro. Das areias vieram campeonatos e importantes clubes como o Radar, que foram fundamentais para que se colocasse em pauta uma série de vozes favoráveis à liberação do futebol feminino, o que ocorreu na década de 1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol Feminino; Discurso da imprensa; Rio de Janeiro.

**ABSTRACT:** This article intends to make a brief course on the history of women's football in Rio de Janeiro between the 1940's and the 1980's, having as source some important newspapers of that time. Special importance will be given to *Jornal do Brasil*, *O Globo* and, mainly the *Jornal dos Sports*. The later stands out not only as a specialized vehicle in sports information, but also because it promotes sporting events. What this research looks for in these printed newspapers is the news and the representations about the practice of women's football, in Rio de Janeiro, covering a period in which this modality was prohibited in Brazil. It is intended to demonstrate that, even illegally, many women played football, especially in the sands of Copacabana beach in Rio de Janeiro. From the beaches came championships and important clubs like the Radar, indispensable for a series of favorable voices to the liberation of women's football, which occurred in the 1980's.

**KEYWORDS:** Female Football; Press Discourse; Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro foi cenário importante para a história do futebol praticado por mulheres. A trajetória das mulheres no futebol foi, em grande parte, construída à margem da chancela das instituições esportivas. Dos subúrbios do Rio de Janeiro, em 1940, surgiram clubes que viajaram o país e causaram desconforto em autoridades e pessoas comuns, insatisfeitos em saber que mulheres praticavam um esporte considerado inadequado aos padrões idealizados de feminilidade (GOELNNER, 2003). É provável que os ecos dessas polêmicas tenham desaguado na proibição do futebol feminino, estipulado em 1941 (BRASIL, 1941). Essa proibição certamente produziu uma série de obstáculos e consequências nocivas à modalidade, mas não impediu que muitas mulheres, a partir de iniciativas individuais ou coletivas, jogassem bola nas quadras de futsal, escolas e, principalmente, nas areias das praias do Rio de Janeiro e, finalmente, voltassem aos gramados em campeonatos oficiais.

Pelas páginas da imprensa esportiva é possível acompanhar parte da história do futebol das mulheres no Rio de Janeiro e, sobretudo, as formas pelos quais ele foi representado por importantes veículos impressos de comunicação. A relação entre mídia e futebol feminino é assunto que mereceu atenção de alguns artigos e pesquisas. O que se evidencia é que, em grande medida, o jornalismo — impresso ou televisionado — pouco contribuiu para o fortalecimento do futebol das mulheres. Ao contrário, diversos estudos mostram o quanto as representações midiáticas fizeram uso de estereótipos para a representação da mulher atuando nos gramados de futebol, perpetuando, dessa forma, preconceitos que dificultaram demasiadamente o desenvolvimento da modalidade<sup>1</sup>.

Porém, no período aqui enfocado, é possível perceber que, se por um lado é notável a existência de discursos conservadores, por outro é de se considerar que a circulação de notícias a respeito do futebol feminino, praticado no Rio e fora do Brasil, foi importante para fomentar imaginários e ações relevantes para que essa modalidade esportiva permanecesse viva. Nas páginas de *O Globo*, *Jornal do Brasil* e, sobretudo, *Jornal dos Sports* circularam informações, imagens e discursos a respeito da prática do futebol por mulheres que em diversos momentos lançaram fortes questionamentos a uma série de oposições ao futebol feminino<sup>2</sup>. Especialmente nas décadas de 1970 e 1980, o futebol das mulheres foi matéria frequentemente abordada naqueles tradicionais jornais do Rio de Janeiro, cidade que viu um crescimento dessa modalidade, especialmente, entre a juventude (BRHUNS, 2000). Trata-se da cidade em que foi fundado o Radar, a mais exitosa equipe de futebol feminino

da década de 1980 e que teve papel importante na divulgação e legitimação da prática desse esporte por mulheres.

Entre as publicações acima citadas é notável o apoio demonstrado pelo *Jornal dos Sports* que fez amplas coberturas de jogos avulsos, campeonatos, chegando mesmo a patrocinar pequenos eventos. Essa inclinação favorável à modalidade é notável já em 1940, momento importante para o futebol feminino no Rio de Janeiro. Nesse ano, fundaram-se algumas equipes de bairro, vindas principalmente do subúrbio carioca e que realizaram partidas em diversos locais dessa cidade e, também, em outros estados. A tendência do *Jornal dos Sports* em não somente divulgar, mas também promover os esportes (HOLLANDA, 2010) é perceptível também no caso do futebol feminino, em 1940. Para a inauguração dos refletores do campo do S. C. Tavares<sup>3</sup> e, como parte das comemorações do aniversário do *Jornal dos Sports*, realizou-se a partida de futebol feminino entre os times do Eva F. C. e o Brasileiro F. C.. O Brasileiro venceu e conquistou a taça “Mário Rodrigues Filho”, nome do dono do *Jornal dos Sports*. A partida foi noticiada pelo periódico em matérias acompanhadas de fotos das equipes e de manchetes exaltadoras como “As partidas Sensacionaes do Football Feminino” (13/03/1940, p. 5).

O Brasileiro F. C. juntamente com outro clube, o Casino Realengo, desatacaram-se como atuantes equipes que jogaram em diversos campos da cidade do Rio de Janeiro e que protagonizaram um emblemático jogo no estádio do Pacaembu, em partida preliminar a dos times masculinos do Flamengo (RJ) e São Paulo (SP)<sup>4</sup>. A viagem das equipes à capital paulista foi patrocinada pelo *Jornal dos Sports* que também cedeu espaço para que algumas jogadoras se defendessem das opiniões contrárias à prática do futebol feminino. É o que podemos ver na edição de 10 de maio de 1940 que dá voz a jogadora Adyragram do Brasileiro F. C.. Adyragram volta suas atenções para o cidadão José Fuzeira que enviara uma carta ao Presidente Getúlio Vargas alertando a respeito dos perigos da prática do futebol por mulheres (FRANZINI, 2000). Assim se defende a jogadora: “o Sr. José Fuzeira deve assistir à pratica do football feminino, para verificar quão salutar é esse sport e os benefícios que o mesmo presta às praticantes” (*Jornal dos Sports*, 16/05/1940, p. 1)

A carta do cidadão Fuzeira, publicada no jornal *O Imparcial* (MOURA, 2015), recebeu uma resposta irônica da coluna *Off Side* do *Jornal dos Sports* no dia 16 de maio de 1940:

Ao apostolo Fuzeira  
Fuzeira, Fuzeira não concebe

Mulher de camiseta e calção  
 Jogando foot-ball.  
 Fuzeira considera a novidade  
 das mais ruinosas e das mais estranhas  
 Infecundas  
 Enfermas  
 Vagabundas  
 Arrasadas por “solla” e por “trancos”  
 (...)

Fuzeira amigo, não viva de ilusões!  
 Quando Amy Johnson, em pleno front da guerra,  
 Espatifa aviões  
 E a mulher luta a facas e a tiros na Polónia  
 É tolice querer que ela ainda seja  
 De manhã: deusa cheirando a salsas e a cebolas  
 E à noite: deusa de rendas e de água de Colónia...  
 É isso, Seu Fuzeira! É isso  
 E não se metta!  
 Moça agora tem motor de popa,  
 Não é deste planeta  
 (...)

No mais, se convença que passou  
 O tempo do sarão e da vovó  
 Em que as Emílias se faziam Athletas  
 Jogando.... dominó (*Jornal dos Sports*, 16/05/1940)

Mesmo com muitos opositores, a viagem das equipas do Realengo E. S. e Brasileiro F. C. foi anunciada com euforia pelo JS que agradeceu aos que colaboraram com a viabilização do jogo e que cuidaram da “dificuldade da viagem, já que estamos a falar de equipas femininas” (*Jornal dos Sports*, 14/05/1940). Mesmo com os problemas surgidos, devido ao fato de se tratar de “equipas femininas”, o jogo se realizou no dia 17 de maio de 1940 tendo como vencedor o Brasileiro F. C. pelo placar de 2 X 0 (*Jornal dos Sports*, 18/05/1940). Quase um mês depois, o JS comemora o sucesso de público presente em outra partida, desta vez, realizada em Belo Horizonte, no campo do América, envolvendo aquelas mesmas equipas que aturam no Pacaembu: “Novo sucesso do Football Feminino! (...) A peleja, que teve lugar no gramado do América, registrou a bonita arrecadação de 12 contos de réis” (*Jornal dos*

*Sports*, 16/06/1940). A citação da boa arrecadação indica certo interesse do jornal em demonstrar a viabilidade econômica da modalidade, o que também se faz notar nas várias menções ao fato de que os jogos das mulheres costumavam atrair “uma legião de aficionados pelo football feminino” (*Jornal dos Sports*, 08/08/1940, p. 7).

Ao longo dos meses restantes de 1940, o *Jornal dos Sports* continuou publicando notícias a respeito da formação de novos times de futebol feminino, assim como a respeito da realização de jogos, sobretudo, nos bairros do subúrbio carioca. Algumas equipes conseguiram realizar breves viagens como é o caso do S. C. Oposição e o Primavera A. C. que disputaram um jogo no campo do Tupy de Juiz de Fora, fato anunciado com entusiasmo: “Pela primeira vez, o público de Juiz de Fora assistirá a um prélio de Football Feminino” (27/09/1940, p. 5). Em 1941, com o Decreto-Lei n. 3.199, em seu artigo 54, o futebol feminino tornou-se proibido por ser considerado um “desvio de conduta” inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe” e a “boa esposa” (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza (FRANZINI, 2005, pp. 318-319).

Após essa proibição, as notícias sobre a modalidade tornam-se escassas, fazendo-se notar de modo relevante somente seis anos depois, como é o caso da crônica assinada por Vargas Netto que, em resposta a uma leitora, tenta explicar por que o futebol feminino não era permitido no Brasil. Após os esclarecimentos, o cronista Vargas Netto posiciona-se — de modo um tanto idealista — afirmando que “Há pelo mundo mulheres lutadoras, guerreiras, trabalhadoras de todos os serviços braçais! No exército há mulheres em todos os setores. Nos Estados Unidos as mulheres não têm barreiras para as suas atividades (...). Mas aqui foi proibido, senhorita” (*Jornal dos Sports*, 30/04/1948, p. 4).

São raras as notícias sobre futebol feminino no Rio de Janeiro entre as décadas de 1950 e 1960 (MOURÃO, 2005), sendo que algumas dão conta de partidas realizadas com mandato judicial ou de campos interditados por terem permitido a realização de jogos de futebol entre mulheres (*Jornal do Brasil*, 30/01/1960, p. 8). Até mesmo o pedido dos times ingleses Corinthians Ladies e o Morinad Ladies para jogarem no Rio de Janeiro um amistoso foi negado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) porque “não é espetáculo esportivo e foge às normas esportivas adotadas no Brasil” (*Jornal do Brasil*, 19/05/1960). Na década seguinte, notícias vindas da Europa

despertam atenção da imprensa. Em 1970, entre os dias 06 e 17 de julho, realizou-se na Itália o primeiro Campeonato de Futebol Feminino que contou com a participação da seleção da casa, Dinamarca, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Checoslováquia, Suíça e México. A competição foi apoiada pela Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino (FIEFF) e teve como campeã a Dinamarca. O jornal *O Globo* noticiou a vitória final da seleção dinamarquesa enfatizando que “o certame inovador de pioneiras foi um sucesso” (16/07/1970).

No ano seguinte, foi a vez do México sediar aquele mesmo torneio cuja final foi realizada no Estádio Azteca lotado (ESQUEDA; GUNTÚS, 2010). Diferentemente de 1970, os jornais do Rio deram razoável atenção a esse mundial. A partida de abertura do campeonato foi noticiada por *O Globo* como um jogo que “supreendentemente atraía um público de 80 mil espectadores” (16/08/1971). Esse mesmo destaque foi dado pelo *Jornal dos Sports* que ao anunciar a partida entre México e Argentina destaca: “multidão vê futebol de mulheres” (16/08/1971). Motivado pelo II Campeonato Mundial Feminino, o *Jornal do Brasil* fez uma longa matéria intitulada “O jogo proibido”, publicado no Caderno B, o que dá mostras de que a questão do futebol feminino ultrapassava a esfera esportiva, sendo abordada em um respeitado caderno cultural<sup>5</sup>. Nessa reportagem, é entrevistada a jogadora de futebol Vera Lucia Assunção, conhecida como Verinha, que conta sobre seu cotidiano de atleta e explica que o futebol poderia ser praticado por mulheres, pois “todo esporte é violento, o próprio basquete é mais perigoso que o futebol” (*JB*, 10/08/1971, p. 5). Opinião contrária a de Lídio Toledo, médico da seleção, que afirma que “psicologicamente o estado de espírito feminino não se adaptaria às exigências requeridas pelo jogo” (*JB*, 10/08/1971, p. 5).

Nas falas de Lídio Toledo evidencia-se a continuidade dos argumentos médicos que ajudaram a fundamentar a proibição do futebol feminino na década de 1940 (GOELLNER, 2003). Porém, desta vez, esse tipo de opinião não consegue deter a expansão da prática do futebol por mulheres que, mais uma vez, vira notícia do Caderno B do *Jornal do Brasil*. Em 1974, o periódico publica “A Ofensiva Feminina de dribles e chutes”, mais uma longa matéria sobre o assunto em que se faz referência ao sucesso da modalidade na Europa, em especial, na Alemanha (05/07/1974. p. 8).

A década de 1970 merece futuras pesquisas, afinal trata-se de um período fundamental ao futebol feminino. Além dos dois Mundiais, é importante fazer menção a Women’s F. A. Cup — denominada de Mitre Thropy até 1976 —, competição organizada pela Women’s Football Association,

instituição amadora que durou até a década de 1990, na Inglaterra. Há, nos anos de 1970, uma espécie de movimento globalizante do futebol feminino, algo que provavelmente foi impulsionado pelo contexto de uma época intensa no que diz respeito à rebeldia e a busca pela libertação, especialmente a feminina<sup>6</sup>. Em 1971, no Uruguai, Claudina Vidal chegou a atuar em equipes masculinas, em partidas não oficiais, o que lhe deu fama que correu o mundo, sobretudo após a *British Broadcasting Corporation* (BBC) ter feito uma matéria sobre sua história de vida (NADEL, 2015).

Nesse mesmo período, o futebol feminino carioca voltou a ser notícia. Foi nessa cidade, nas praias de Copacabana, Ipanema e Leblon, que se viu o desenrolar de diversas partidas entre mulheres que iam desde uma simples pelada a campeonatos organizados e patrocinados por importantes marcas nacionais. As praias se transformaram em palcos onde mulheres se reuniam para jogar bola, como era o caso de várias empregadas domésticas que trabalhavam no Leblon e após o expediente se juntavam para momentos de sociabilidade e lazer (BRHUNS, 2000). Fazendo uso de um tom pitoresco, algumas reportagens de jornais do Rio de Janeiro mostravam o alvoroço provocado por esses jogos que, às vezes, atravessavam a madrugada. Na longa matéria “O futebol depois da louça lavada” comenta-se sobre algumas partidas realizadas nas areias do Leblon envolvendo empregadas domésticas que, após o trabalho, organizavam partidas (*Jornal do Brasil*, 20/01/1976). Em outra matéria, intitulada “Mesa tirada, rumo à praia para o futebol” também se comenta a respeito daqueles jogos no Leblon, alguns dos quais realizados com número reduzido de jogadoras, já que nem todas conseguiam um horário de folga (*O Globo*, 11/04/1976).

Entre o final da década de 1970 e início de 1980, o futebol de areia foi uma modalidade que tinha as mulheres como protagonistas. Essa prática transformou-se numa espécie de moda atraindo muitas adolescentes e jovens que se reuniam e formavam times que atuavam em partidas informais e em competições diversas. Alguns campeonatos passaram a chamar atenção da imprensa e algumas marcas famosas na época, como a American Denin e a Gang, formaram seus times (ALMEIDA, 2013). Em 1981, realizou-se o primeiro torneio de Futebol de Praia Feminino cuja abertura reuniu mais de 2 mil pessoas que assistiram uma série de partidas que definiram os times semifinalistas (*JB*, 04/10/1981). No ano seguinte, houve a segunda edição do mesmo torneio, dessa vez sob patrocínio da Copertone. O evento foi considerado um sucesso, levando mais de 4 mil espectadores à praia de Copacabana (*Jornal do Brasil*, 10/01/1982).



Do American Denin veio grande parte das jogadoras que integrarão o Radar, clube fundado em 1932 e que, em 1981, formou uma equipe feminina sob a presidência de Eurico Lira<sup>7</sup>. Já em sua primeira competição, a Copertone Open de futebol feminino de praia, o Radar sagra-se campeão. Essa conquista mereceu a primeira página do Caderno de Esportes do *Jornal do Brasil* (07/03/1982). O *Jornal dos Sports* se destaca na cobertura dos campeonatos de futebol feminino de areia, sobretudo, os jogos do Radar que, em 1982, passa a ser patrocinado pelos relógios Mondaine. As matérias vinham ilustradas com fotos das equipes, assim como do público presente à praia, tudo cercado de um discurso que enfatizava o sucesso das competições e a habilidade das jogadoras. A matéria publicada no dia 20/03/1983 noticia a realização de uma série de jogos da competição “A Sportiva” organizado pelo Clube Radar. A sequência de partidas, seus respectivos horários e a escalação são mostrados ao lado de uma manchete que dizia “Futebol feminino é atração hoje na praia” (*Jornal dos Sports*, 20/03/1983, p. 10).

Embora o Decreto-Lei n. 1.941 tivesse sido revogado em 1979, o CND e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não haviam oficializado a prática do futebol por mulheres. Porém, as notícias a respeito dos dois mundiais femininos e outros torneios realizados fora do Brasil, assim como a atuação de equipes femininas nas areias de Copacabana foram importantes para fazer crescer o tom das vozes favoráveis à legalização da modalidade. As polêmicas em torno do futebol feminino, novamente, ultrapassam as páginas esportivas e chegam ao Caderno B do *Jornal do Brasil* que, em 11/07/1982, concede a primeira capa à matéria “Futebol. Um prazer legalmente proibido às mulheres”. A reportagem feita pela jornalista Cleusa Maria busca a opinião de especialistas para explicarem sobre os motivos que mantinham o futebol feminino proibido no Brasil. O médico Valdemar Areno diz que “Acho inteiramente inadequado a prática do futebol que tem condições gerais que não se coadunam com a mulher” (*Jornal do Brasil*, 11/07/1982). Já as atletas consultadas discordaram dessa posição. Uma delas, Fernanda Mendes, jogadora do Radar, afirmou que a única preocupação era em “proteger o busto, nas cobranças de falta” e que de resto o futebol seria menos violento que outros esportes como o vôlei (*Jornal do Brasil*, 11/07/1982)<sup>8</sup>.

O tema continuou a ser explorado pelo *Jornal do Brasil* em matérias que mostravam os pontos favoráveis e desfavoráveis à legalização. O técnico da seleção brasileira masculina de futebol, Telê Santana, foi um dos consultados. Retratado como “conhecido por suas posições intransigentes e conservadoras” (*Jornal do Brasil*, 31/07/1982), Telê defende o futebol feminino,

pois “Tanta gente vem jogando na Zona Sul do Rio principalmente, as praias do Brasil são sempre campo de grandes jogos entre mulheres, por que não tornar o esporte logo regularizado?” (*JB*, 31/07/1982). Nesse comentário evidencia-se a popularidade do futebol de areia praticado por mulheres e como os jogos nas praias de Copacabana tiveram uma grande repercussão, provocando questionamentos quanto a necessidade de se legalizar o futebol para as mulheres.

Dias antes, o mesmo *Jornal do Brasil*, em longa matéria intitulada “Havelange tenta liberar futebol feminino no CND”, afirma que, o então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), estava tentando convencer o CND a legalizar o futebol feminino para que, desse modo, o Brasil pudesse participar do mundial que a FIFA idealizava para 1986<sup>9</sup>. As informações a respeito da possibilidade de uma competição mundial de futebol feminino foram o mote principal da matéria “Futebol Feminino rumo à Copa do Mundo” em que se destaca a foto de Pelezinha, a mais popular jogadora do Radar, descrita como dona de “um jeitinho moleque, um drible curto, passes precisos, visão de jogo e a posição de ponta de lança” (*Jornal do Brasil*, 31/10/1982). Além de informações a respeito do futebol feminino pelo mundo, as opiniões de duas famosas mulheres são expostas nessa reportagem. A colunista social Danuza Leão e a jogadora de vôlei Jaqueline que se mostraram contrárias à modalidade<sup>10</sup>.

O *Jornal dos Sports* posiciona-se claramente a favor da legalização, o que se evidencia em dois editoriais. No primeiro, o jornal levanta uma série de motivos a serem considerados e relaciona a liberação do futebol feminino a uma luta mais ampla do direito das mulheres, pois “se existem condições objetivas para o desenvolvimento do futebol feminino, protelar a sua regulamentação poderá gerar reações justas de caráter feminista contra a CBF. E certamente vitoriosas” (02/10/1982). Seguindo essa mesma linha, em outro momento, o *Jornal dos Sports* tenta demonstrar que os esportes historicamente discriminaram as mulheres, mas que esse cenário estaria mudando, sobretudo, na Europa. Essas mudanças estariam finalmente chegando a nosso país, afinal “Como sempre, o direito da mulher, no Brasil, está chegando um pouco tarde. Mas de qualquer forma, nossos aplausos. Antes tarde do que nunca” (06/08/1982).

Finalmente, em 1983, o futebol feminino passa a ser legalmente aceito pelo CND, fato noticiado pelo *Jornal dos Sports* que tenta demonstrar que esse feito era inevitável dado o número de equipes formadas e, especialmente, devido à atuação do Clube Radar que segundo o jornal foi diretamente

responsável pela oficialização do futebol feminino: “Pode-se considerar como marco inicial do progresso do futebol feminino no Brasil a excursão do Radar à Espanha, em junho do ano passado (*Jornal dos Sports*, 28/03/1983). A exaltação ao clube Radar continua ao longo da matéria, o que era prática comum ao *JS* que, como já foi dito, deu ampla cobertura aos jogos de praia, especialmente do referido clube. A liberação da modalidade continuou a ser alvo de discussão e a temática segue sendo aproveitada nas páginas do *JS* que chega a promover um “júri” formado por médicos, ex-jogador, líder feminista e uma jogadora do Radar, entre outras personalidades<sup>11</sup>. O debate durou duas edições, sendo que na primeira expôs-se os argumentos dos convidados e na segunda veio a decisão final, que como já se podia imaginar seria favorável: “O veredicto: futebol é pra mulher também” (*Jornal dos Sports*, 21/04/83, p. 8).

Em 1983, organiza-se o primeiro campeonato Carioca de Futebol que contou com a participação de clubes como Madureira, Bangu, América, Portuguesa e o vitorioso Radar que das areias vai para os gramados. E vai para os gramados dividindo as atenções com o Bangu que montara um time feminino, fortemente apoiado por seu patrono Castor de Andrade que costumava assistir aos jogos em Moça Bonita e até mesmo dar bichos às jogadoras. Irritado com a derrota para o Radar na final do primeiro turno do Carioca, Castor invade o campo e lidera uma briga que envolveu árbitro e jogadoras do Bangu e do Radar. Esse episódio é recebido com certo espanto e revolta, já que poucos imaginariam que um jogo entre mulheres pudesse terminar de modo tão violento. Em parte, esse espanto se relaciona ao fato de que comportamentos agressivos não eram considerados compatíveis com padrões de feminilidade ainda vigentes.

Embora houvesse por parte da imprensa incentivo à modalidade, esse fato não excluiu a coexistência de conteúdos estereotipados. Nesse sentido chama a atenção algumas charges de Agner nas quais a mulher era representada em um campo de futebol, a partir de um corpo com contornos exagerados nas cadeiras, nos seios, assim como enfatizando-se o uso de maquiagem, bijuterias, roupas apertadas aparecendo o umbigo e, até mesmo, bobs na cabeça<sup>12</sup>. A necessidade de se anexar atributos considerados como tipicamente femininos — às vezes com exageros — também gerou matérias que recorriam a lugares comuns da beleza e fragilidade da mulher. Esse é o caso da matéria “Onde os dribles e gols tem mais graça” de autoria da jornalista Elizabeth Orsini que comenta que “Leves, graciosas, bem distantes da fama de masculinizadas que as persegue (...) elas sabem como poucos os

segredos de um drible ou de um passe. São as jogadoras cariocas de futebol (...) (*Jornal do Brasil*, 23/12/1983, Caderno B, p. 8). Esse tipo de abordagem se tornará mais constante na década de 1990 (COSTA, 2014), porém nos anos de 1970 e 1980, é notável um movimento de apoio à modalidade, o que se relaciona diretamente a diversas outras reivindicações por maior igualdade de tratamento entre homens e mulheres (JANSSON, 1998).

Entretanto, as notícias a respeito do futebol feminino perdem força. 1985 é o último ano, na referida década, em que se pode vislumbrar razoável menção a torneios da modalidade nas páginas de jornal. É de se destacar o texto de João Máximo publicado no *Jornal do Brasil* no qual o jornalista demonstra que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para atuarem no esporte não eram uma exclusividade do futebol. Mas que essas dificuldades vinham sendo diminuídas no vôlei, no basquete e nas corridas, o que o levava a crer que o mesmo ocorreria no futebol que nos últimos anos vinha provando que “não é mesmo só para homens” (*Jornal do Brasil*, 11/01/1985, p. 11). Porém, essa crônica é quase que um apelo para que o futebol das mulheres continue a manter-se vivo.

Essa preocupação se justifica, pois as competições como o campeonato Carioca e a Taça do Brasil eram organizadas pelos próprios dirigentes de clubes, sobretudo os do Radar, tendo uma duração curta, assim como uma organização um tanto deficitária (ALMEIDA, 2013). Eram comuns brigas, atrasos, adiamentos de jogos e outros problemas dessa ordem. Aos poucos diversos clubes foram sendo extintos devido à falta de verbas e estrutura administrativa que sustentasse a modalidade. O Bangu, o principal adversário do Radar, fechou as portas para as mulheres em 1984.

Embora o clube de Copacabana seguisse atuando e conquistando títulos nos gramados do país e de fora, foi notável a sua decadência que, na verdade, também correspondia à decadência do futebol feminino no Rio de Janeiro e no Brasil. No final da década de 1980, embora houvesse alvoroço em torno da formação de uma seleção brasileira de futebol feminino cuja base era o time do Radar, o êxodo de talentosas jogadoras, a falta de patrocínio e os baixos índices de público aos jogos e ausência de investimentos mais efetivos na modalidade levam o Radar a fechar as portas em 1990 (ALMEIDA, 2013).

Por mais que o futebol das mulheres tivesse virado notícia faltou-lhe uma estrutura administrativa e esportiva mais consistente que viabilizasse sua ascensão e consolidação. O Rio de Janeiro, entre os anos de 1940 e 1980, é uma cidade que assiste a momentos importantes da história do futebol prati-

cado por mulheres. Nas páginas dos principais jornais da cidade, delinea-se e defende-se a ideia de que o futebol estava deixando de ser um jogo exclusivamente dos homens. Esses jornais fizeram do futebol das mulheres tema da moda, estímulo para debates e polêmicas que também precisam ser vistos sob a ótica do uso de recursos que dramatizam a notícia visando a captação de público leitor (NEVEU, 2006). É importante lembrar que, especialmente nos anos de 1980, o futebol de areia e clubes como o Radar vinculavam-se às ideias de beleza, juventude que, por sua vez, atraíam famosas marcas que ofereciam patrocínio e ajudavam a organizar campeonatos. Os jornais fizeram desse fenômeno notícia para ser vendida.

A circulação de notícias a respeito do futebol praticado por mulheres dentro e fora do Brasil foi importante para a popularização e legalização da modalidade, fenômenos que tiveram o Rio de Janeiro como cenário importante, especialmente, as areias e o bairro de Copacabana e sua imagem esportiva, multicultural e libertária (VELHO, 1989). Mas ao que parece, a celebração ficou um tanto restrita às notícias veiculadas, pois em termos de estruturação organizativa, a modalidade não conseguiu criar formas que viabilizassem uma consolidação do futebol das mulheres, de modo a fazer dele uma prática não somente oficializada, mas capaz de oferecer um campo seguro de atuação profissional. Nas décadas seguintes, outros *booms* do futebol feminino poderão ser notados de tempos em tempos, mas a modalidade, até o momento da escrita deste artigo, ainda não conseguiu de fato impor-se em termos esportivos e mercadológicos, permanecendo ainda sobre sombras e visibilidade moderada, fenômeno que se estende à América Latina (RIAL, 2013).

O movimento notável nos jornais aqui analisados, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, em prol do direito de as mulheres praticarem futebol, gerou alguns resultados que não devem ser desprezados, mas com o tempo o interesse foi se escasseando. Nos anos seguintes, o papel da imprensa tornou-se ainda mais ambíguo, ora fortalecendo estereótipos, ora os combatendo, mas raramente incorporando de modo consistente o futebol feminino a sua agenda de notícias e reivindicações como foi feito em anos anteriores.

## Notas

1 Destacam-se as seguintes produções: GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e

visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física**, v. 19, n. 2, São Paulo, 2005; MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino.

**Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, pp. 73-86, jan. 2005; RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. In: **Nueva Sociedad**, n. 248, pp. 115-126, 2013.

2 Serão usadas as abreviaturas JB (*Jornal do Brasil*) e JS (*Jornal dos Sports*).

3 O Sport Club Tavares foi um clube tradicional do bairro Engenho de Dentro, subúrbio carioca.

4 Sobre esse jogo consultar MOURA, Eriberto. Op. Cit.

5 O Caderno B do *Jornal do Brasil* foi lançado em 1960, surgindo em um momento de renovação gráfica pelo qual passou o referido jornal. Entre as décadas de 1960 e 1970, o Caderno B se consolidou como um veículo que investiu na abordagem de acontecimentos culturais relevantes da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um dos primeiros e mais importantes precursores do jornalismo cultural. Sobre o Caderno B ver: LIMA, Patrícia Ferreira de Souza.

**Caderno B do Jornal do Brasil**: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85). 267p. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

6 Essa mobilização provavelmente estava em diálogo com um contexto global da luta pelo direito das mulheres, o que incluía o direito de jogarem futebol. Essa luta, na América Latina, era possível de ser vista desde o final da década de 1940, cabendo à Costa Rica um papel de vanguarda. Em 1949, os irmãos Fernando Bonilla Alvarado e Manuel Emilio fundaram o Deportivo Femenino Costa Rica F. C. que durante cerca de um ano atuou de modo clandestino em um campo particular devido ao preconceito da época. No dia 29 de março de 1950, o Deportivo jogou uma partida no Estádio Nacional. Entre os anos de 1950 e 1960 o clube fez uma série de excursões por diversos países do continente americano como Honduras, Guatemala,

Cuba, Panamá, Colômbia e em 1963, em sua última excursão, visitou o México (NADEL, 2015, p. 50). Esse *boom* do futebol feminino na Costa Rica em parte se explica pela influência dos movimentos feministas presentes no país a partir dos anos de 1920 e que fizeram do futebol uma bandeira de luta pela “igualdade de gênero” (GAITÁN, 2016). Outro aspecto a ser considerado diz respeito às políticas públicas de incentivo ao esporte que foram atuantes nos anos de 1950 e 1970. Finalmente, é válido destacar os interesses mercadológicos daqueles que vislumbravam a divulgação da modalidade, considerando-a ser financeiramente viável (GAITÁN, 2016).

7 Sobre o Clube Radar, ver: ALMEIDA, Caroline Soares. “**Boas de Bola**”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980, 151p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

8 Essa questão do busto costumava ser alvo de atenção das reportagens e, em alguns momentos, as referências eram um tanto jocosas. É interessante perceber que essa questão se repete desta vez na fala de uma jogadora.

9 Os jornais consultados davam conta de que haveria um campeonato mundial nos anos 1984, 1985 e 1986. Tratavam-se de notícias especulativas que, como se sabe, não se tornaram realidade, afinal o primeiro mundial da FIFA de futebol feminino foi realizado em 1991.

10 Em relação ao futebol das mulheres, Danuza Leão afirma que “Mulher tem que parar de achar que é igual a homem, porque não é (...) Esta moda não passa do verão de 83” (*Jornal do Brasil*, 31/10/1982). Já Jacqueline, jogadora de vôlei, surpreende com sua opinião negativa, afinal trata-se de uma atleta, o que não a impede de dizer que não gostava de futebol “para homens, quanto mais para mulheres (...) Acho futebol até um jogo bonito, mas com mulheres jogando não sei por que o negócio fica violento” (*Jornal do Brasil*, 31/10/1982).

11 O júri do *Jornal dos Sports* foi formado pelo sociólogo José Gilberto Caldas, o médico Mauro Pompeu, a líder feminista Hildete Pereira, o museólogo e “intelectual desportista” Clovis Bornay, o cantor Silvío

Cesar, o ex-jogador Danilo (que atuou na Seleção Brasileira), o professor de Educação Física Robson Prado, a educadora Letícia Alencar e a jogadora do Bangu Maria Luisa da Silva, a Fia (*Jornal dos Sports*, 20/04/1983). 12 Duas dessas charges foram publicadas respectivamente em 01/04/1983 e 06/04/1983. A primeira diz respeito ao adiamento do campeonato brasileiro de futebol feminino. Na charge, duas mulheres explicam o motivo do adiamento: “— É que nós estamos ‘naqueles dias’” (*Jornal dos Sports*, 01/04/1983).

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Caroline Soares. “**Boas de Bola**”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.
- BRUHNS, Heloísa. **Futebol, carnaval e capoeira**: entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus, 2000.
- COSTA, Leda Maria da. Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse. **Soccer and Society**, 15(1), pp. 81-92, 2014.
- ESQUEDA, Martha Santillán; GUNTÚS, Fausta. Fútbol femenino en México, una percepción de género a través de la prensa al inicio de los años setenta. **Esporte e Sociedade**. Ano 5, n. 15, jul./Out 2010.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, São Paulo jul./dez. 2005.
- GAITÁN, Chester Urbina. El fútbol femenino en Costa Rica (1924-2015). **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 21, n. 221, Octubre de 2016. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd221/el-futbol-femenino-en-costa-rica.htm>. Acesso em: 09/05/2017.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 1, pp. 143-151, 2005.
- GOELLNER, Silvana. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- JANSSON, Maria Adolfin. Aproximaciones al tema del fútbol femenino y los límites a tener cuenta para una interpretación sociológica. In: ALABARCES, Pablo (Ed.). **Deporte y Sociedad** [Sport and Society]. Buenos Aires: Eudeba, 1998.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade de representação**. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2010.
- MOURA, Eriberto. **Nos domínios do futebol feminino**, Rio de Janeiro e São Paulo como cenário (1913-2003). Maceió: Edufal, 2015.
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira Ciências Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, pp. 73-86, jan. 2005.
- NADEL, Joshua. The Antinational Game? An Exploration of Women's Soccer in Latin America. In: L'HOESTE, Héctor Fernández, IRWIN Robert, POBLETE, Juan. Sports and Nationalism in Latin/o America. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2015.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**, no 248, noviembre-diciembre de 2013, pp.114-126.
- VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia Urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

### Fontes primárias

#### Jornais

*O Globo*  
*Jornal do Brasil*  
*Jornal dos Sports*

#### Decreto-Lei

BRASIL. **Conselho Nacional de Desportos**. Decreto-Lei n. 3199. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1941.

Recebido em 12/07/2017  
 Aprovado em 12/08/2017